

REVISTA PORTUGUESA DE

Investigação Educativa

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

**Novos Desafios Educativos
e Cidadania Social**

COLLOQUE INTERNATIONAL

**Citoyenneté sociale:
Nouveaux défis éducatifs**

Actas da Conferência
Actes de la Conference

NÚMERO ESPECIAL

REVISTA PORTUGUESA DE

Investigação Educativa

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

**Novos Desafios Educativos
e Cidadania Social**

COLLOQUE INTERNATIONAL

**Citoyenneté sociale:
Nouveaux défis éducatifs**

16 . 17 ABRIL 2009

Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional do Porto

Actas da Conferência
Actes de la Conférence

MEDIAÇÃO DE APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA*

Ana Sofia Azevedo

Faculdade de Educação e Psicologia - Universidade Católica Portuguesa | arodrigues@porto.ucp.pt

Paulo Magalhães

Faculdade de Educação e Psicologia - Universidade Católica Portuguesa | pmmagalhaes@porto.ucp.pt

Isabel Baptista

Faculdade de Educação e Psicologia - Universidade Católica Portuguesa | ibaptista@porto.ucp.pt

Introdução

Reconhecendo o papel decisivo que a educação ocupa no processo de desenvolvimento das pessoas, ao longo de toda a sua vida, o trabalho que aqui apresentamos obedece à intenção de fundamentar o papel do educador social enquanto mediador social ao serviço da promoção de processos intencionais de aprendizagem, neste caso na área das TIC, junto de adultos que, à partida, se encontram desmotivados e afastados das dinâmicas de educação e formação promovidas nas suas comunidades.

Para o efeito, serão tidos em conta elementos de análise recolhidos no âmbito de duas pesquisas de mestrado realizadas sob o enquadramento conceptual e metodológico da pedagogia social e tendo como referência empírica a actividade de mediação desenvolvida pelos autores enquanto «mediadores sociais», optando por destacar neste texto apenas a descrição de um itinerário pessoal de aprendizagem considerado significativo, referenciado através de um nome fictício, o de «Mariana».

* O trabalho em referência tem por base duas pesquisas concluídas no ano de 2008 e realizadas no âmbito do Mestrado em Ciências de Educação, Especialização em Pedagogia Social (FEP/UCP), respectivamente sob o título «Educação Social e Mediação de Aprendizagem ao Longo da Vida» (Ana Sofia Azevedo) e «Mediação Tecnológica e Mediação Humana» (Paulo Magalhães), contando ambas com a orientação científica da Professora Doutora Isabel Baptista.

Conforme será sublinhado ao longo do texto, associamos as noções de «mediação de aprendizagem» e de «mediação tecnológica» às práticas de «mediação social que servem objectivos de educabilidade social. Nesta perspectiva, damos especial ênfase à figura do «mediador social» enquanto agente catalisador de relações humanas positivas e solidárias.

Formação de adultos, aprendizagem e laço social

A pedagogia social constitui um «saber de hospitalidade que, como tal, potencia as relações interdisciplinares e interprofissionais» (Baptista, 2008 a), acolhendo múltiplos enfoques académicos (Caride, 2002) no quadro de uma educação humanista balizada pelo respeito dos direitos humanos. Com Américo Peres (2007 a) consideramos que, embora os ventos que sopram no nosso tempo não pareçam favoráveis para a democracia e para a participação, acreditamos que o sentido ético subjacente à Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) deve ser a semente lançada no vasto campo de possibilidades – de utopias realizáveis – da nossa vida e da vida dos outros. Reforçamos deste modo o duplo sentido de pedagogia social enunciado por Quintana Cabanas (1988), dizendo que a pedagogia social é humanista na medida em que se baseia nos valores do humanismo clássico – «cultura, estudo, beleza, crítica, nobreza de alma, equilíbrio, personalismo, esforço – e por propor como fim e como meio os valores humanos – «justiça, liberdade, adaptação, bondade, amor, auto-superação, abertura, diálogo, acção, compreensão, energia, esperança, tolerância e colaboração». É neste quadro axiológico que enquadrámos os valores da formação de adultos em particular e, de um modo geral, o ideal cívico da sociedade contemporânea.

Como nos lembra Joaquim Azevedo (2007), é missão da educação contribuir para que cada ser humano aprenda e assuma a condição humana, aprenda a viver com os outros, a tornar-se cidadão, pleno de direitos e de deveres, membro de uma comunidade. É aí, na comunidade, que cada um é chamado a ser solidário e responsável. É neste contexto que se inscreve a «aprendizagem social». A aprendizagem social desenvolve-se preferencialmente em ambientes interactivos e participativos.

Mas mais do que aprendizagem feita «na comunidade», a aprendizagem social surge-nos como uma aprendizagem feita «em espírito de comunidade», isto é, em espaços de convívio humano marcados pela partilha de interesses e de desejos de futuro. Uma aprendizagem assim tende a ser, de facto, muito próxima das dinâmicas de vida das pessoas, desafiando os educadores e os mediadores sociais a aproximarem-se cada vez mais desses contextos. É aí que as suas competências relacionais são postas à prova.

Tal como nos lembra Américo Peres (2007 b), a arte de viver com o outro deve emergir das comunidades de base, pois é no viver quotidiano, na família, na escola, no trabalho, na paróquia, na associação, que as relações se tornam verdadeiramente significativas. É também com estas preocupações que Etienne Wenger (2008), um dos teorizadores da aprendizagem social, evidencia a importância da experiência comunitária na educação e formação de adultos. Segundo este autor, uma das maneiras de encarar a aprendizagem ao longo da vida é justamente a aprendizagem social. Reforçamos aqui a dimensão de sentido que, no quadro da pedagogia social, atribuímos ao vocábulo «social». Mais do que um «objecto» ou um contexto, o termo «social» designa um objectivo – o da relação vinculante entre um mesmo e um outro ou «laço social».

O tipo de pedagogia exigido pelas condições de aprendizagem social levam-nos ainda a considerar os valores de uma «pedagogia da convivência» tal como a define Xesús Jares (2007). Para este autor, «não existe a possibilidade de viver sem conviver, os seres humanos são seres sociais e precisamos uns dos outros para a própria subsistência. A fragilidade da vida humana é uma das razões que explicam a convivência, embora não seja a única». Assim, podemos dizer que a aprendizagem social é uma aprendizagem da convivência e da arte de relação humana que nos liga aos nossos próximos, os nossos concidadãos.

Para a pedagogia social, o grande objectivo da intervenção comunitária é a própria construção de comunidade, o da promoção de laços de cooperação e de solidariedade.

O Educador Social como Mediador de Aprendizagem

A ligação entre pedagogia social e educação social constitui um dos aspectos mais ambíguos e imprecisos deste campo de reflexão e de acção. Maurice Capul e Michel Lemay (2003) identificam a pedagogia social como «todo o processo reflexivo, todo o discurso organizado, a propósito das práticas da educação social. É essa igualmente a posição dos autores espanhóis como José António Caride (2005), Jaume Trilla (2003), que definem a Educação Social como o campo prático ou objecto de estudo da pedagogia social. Ao contrário da tradição de pensamento protagonizada pelos autores anteriormente referidos, definimos a educação social como uma área muito própria dentro da pedagogia social, na medida em que a educação social corresponde a um saber direccionado especificamente para a intervenção educativa no campo da «acção social», isto é, para as respostas sociais às situações sinalizadas como problemáticas, mas sem perder de referência a filiação ao universo de conhecimento comum da pedagogia social.

O educador social surge-nos assim como um pedagogo social especializado, de acordo com exigências muito próprias da acção junto de pessoas em situação

existencial de maior vulnerabilidade e, por isso, mais susceptíveis de exclusão social. Para as «pessoas em situação desesperada e sem saída imediata», aprendizagem e vida entrelaçam-se num processo que deve ser apoiado pela intervenção de um técnico profissionalmente habilitado para a actividade de mediação pedagógica (Rodrigues, 2007). Com efeito, para estas pessoas a aprendizagem pode fazer uma decisiva diferença e constituir um «desafio de vida» precioso, tanto em termos pessoais como sociais.

«Vivemos num mundo e numa época em que as contradições, nomeadamente entre a segurança e a fragilidade, entre a liberdade e a responsabilidade e entre a rotina e a inovação impõem sentimentos e comportamentos híbridos e conflituais, potencialmente desagregadores da estabilidade dos indivíduos e dos grupos» (Carvalho e Baptista, 2004). Os autores citados alertam para a situação actual de crise generalizada das referências identitárias tradicionais, nomeadamente de índole pessoal, cultural, nacional, social e laboral e isto num mundo onde «a capacidade cívica não é mais doada ou outorgada mas conquistada». A educação social representará então uma «frente avançada da dinâmica que, nas últimas décadas, foi transferindo a acção social dos sistemas políticos, centrada aqui nas suas superestruturas de organização burocrática do poder, para estruturas especializadas e directamente vocacionadas para o acompanhamento humanizado das situações de ruptura ou pré-ruptura» (Carvalho e Baptista, 2004).

Acontece que este apelo à autonomia e à participação das pessoas no seu próprio processo de desenvolvimento, por vezes esquece que as pessoas nem sempre se encontram «aptas para o contrato social». Este facto obriga-nos a ter um cuidado especial no acompanhamento pedagógico da pessoa que se encontra diminuída no seu poder de autonomia e expressão cívica. É preciso ter em consideração o contexto sociocomunitário em que essa pessoa se insere, pois é na relação que cada um estabelece entre a sua própria condição humana, a forma como conduz o seu «destino e identidade», a forma como se relaciona «com os outros e, de um modo geral, com o mundo» que define os esteios em que assenta a relação que estabelece com a própria sociedade em que vive.

Mediação social e mediação tecnológica

Por mediação tecnológica entendemos todas as práticas de relação potenciadas pelas redes de interconexão digital. As possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento humano ligadas à mediação tecnológica correspondem a um dos aspectos mais decisivos e marcantes das dinâmicas de vida contemporânea. Subordinada a lógicas de mediação humana (Magalhães, 2008), a mediação tecnológica ocupa assim um lugar decisivo na concretização da utopia social da

sociedade do século XXI, definida como uma «sociedade educativa», valorizando a educação como eixo fundamental do processo de desenvolvimento humano.

A utopia social do século XXI surge-nos intimamente ligada ao papel da aprendizagem e da formação ao longo da vida, ao ponto de se falar na educação como um «tesouro», em termos de desenvolvimento humano, no sentido advogado por Jacques Delors. Adoptando a definição apresentada no relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 1996), «o desenvolvimento humano é um processo que visa alargar as possibilidades oferecidas às pessoas», o que por sua vez remete para um plano infinito de possibilidades de evolução das pessoas. Este relatório aponta três principais condições para que tal desenvolvimento tenha lugar: «ter uma vida longa e com saúde»; «adquirir conhecimentos» e «ter acesso aos recursos necessários a um nível de vida decente», alertando para o facto de «na falta destas possibilidades fundamentais, muitas outras oportunidades permanecerão inacessíveis», ainda que se tenham em conta outras potencialidades, como a «liberdade política, económica e social», a possibilidade de a pessoa poder «expressar a sua criatividade», passando pelo respeito pela dignidade pessoal e pelos direitos humanos». Nesta perspectiva, os seres humanos não podem ser tidos como simples «recursos» ou «meios» para atingir fins económicos, políticos ou como meros «beneficiários» das políticas de bem-estar social. As pessoas devem passar a ser reconhecidas como os protagonistas do seu próprio processo de desenvolvimento numa lógica de co-responsabilização solidária. Mas para tal é necessário que todas as pessoas possuam as ferramentas adequadas a esse esforço e tenham acesso às devidas condições. Sem isso, podemos estar a penalizar excessivamente os indivíduos, esquecendo as obrigações da própria sociedade.

Entre essas ferramentas situamos as que dizem respeito ao domínio de competências de informação e comunicação de base tecnológica. O acesso à informação e ao conhecimento tornou-se um factor chave em todos os tipos de actividade humana em consequência do desenvolvimento da tecnologia digital, e da Internet em particular, induzindo novas formas de organização da economia e da sociedade. Este processo de reestruturação ocorre todos os dias e a uma velocidade vertiginosa. Esta velocidade e as mudanças introduzidas no acesso e gestão da informação tornam-se características definidoras da «Sociedade do Conhecimento», colocando-nos, de uma forma constante, perante novos desafios e oportunidades. Basta pensar que as redes digitais permitem que se façam permanentemente novas conexões sem os constrangimentos tradicionais de espaço e tempo.

As TIC constituem um meio precisos de garantir esta acessibilidade prendese com as extraordinárias oportunidades de informação e comunicação que resultam da mediação tecnológica, já que «existe uma ligação incontornável entre

domínio de competências digitais e o acesso às oportunidades de desenvolvimento propiciadas pela sociedade do conhecimento» (Magalhães, 2007). Encontramos esta preocupação bem expressa no «Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida» (Bruxelas, 2000) onde se afirma que a «Europa está em transição para uma sociedade e uma economia assentes no conhecimento», o que leva a que o acesso à informação e conhecimento útil deva estar amplamente ao dispor de todos. O mesmo documento alerta igualmente para a necessidade de condições que levem à «motivação» e ao desenvolvimento de «competências para usar esses recursos de forma inteligente em prol de si mesmo e da comunidade». As TIC podem, neste sentido, desempenhar um papel fundamental na preocupação de aproximar as pessoas a novas formas de aprendizagem. Podemos encontrar no documento acima referido, a afirmação de que «uma utilização eficaz das TIC contribuirá de modo significativo para a execução de uma estratégia de aprendizagem ao longo da vida, alargando o acesso a essas tecnologias e diversificando os modos de formação, nomeadamente graças às redes informáticas acessíveis aos cidadãos de todas as idades», e estratos sociais.

Na sequência do que vem sendo afirmado, vemos as TIC como um instrumento precioso na constituição de redes de relações entre pessoas e actividades, permitindo a interacção e a partilha de informação, elemento central na sociedade da informação, contribuindo para o fluxo de informação e para a construção conjunta de conhecimento. Pois, como lembra Roberto Caneiro (2004), o importante não é a plataforma tecnológica, que propenderá a tornar-se invisível, mas sim a «densidade relacional» susceptível de ser induzida em contextos humanos de aprendizagem.

Valorizamos neste sentido o papel do «mediador social» como um «educador» e como catalisador de relações humanas solidárias. Ou seja como alguém capacitado para interferir no processo formativo e não apenas como um «agente de comunicação e de ligação» entre «partes». Considerando ainda que a mediação tecnológica ocupa um lugar central no conjunto das práticas de mediação de aprendizagem, apresentando-se como uma ferramenta extremamente útil na criação de ambientes de partilha de informação e de produção de conhecimento. Por esta razão também, os mecanismos de mediação tecnológica devem estar subordinados aos valores da mediação sociopedagógica, ajudando a criar laços novos e a promover mudanças positivas, tendo em conta a contemporaneidade e as exigências do futuro. Em termos de pedagogia social, todas estas preocupações convergem para a atenção especial às pessoas que, por qualquer razão, andam mais infelizes e afastadas dos contextos de aprendizagem, sejam as crianças e jovens em idade escolar ou adultos que se encontram alienados em processos de solidão e falta de esperança ou horizontes de vida.

Itinerário de aprendizagem de Mariana

Na intenção de evidenciar a ligação entre educação social, mediação de aprendizagem e mediação tecnológica numa lógica de educabilidade social particularmente atenta às pessoas que, por qualquer razão, se encontram alienadas dos processos formativos e, enquanto tal, em situação de maior vulnerabilidade, e atendendo às limitações deste espaço de comunicação, optamos por descrever um itinerário pessoal de mediação de aprendizagem muito particular, o de «Mariana», desenvolvido no âmbito de actividades do projecto de intervenção sociocomunitária «Trofa Comunidade de Aprendentes» (TCA - www.trofatca.pt).

O registo desta história começa com a chegada de Mariana a uma das unidades de atendimento TCA. Depois de se apresentar, tentou dizer ao que vinha. Falou logo sobre a doença que a afligia nesse momento, afectando todo o seu equilíbrio familiar. A doença a que se referia era um cancro da mama, ainda em processo de tratamento e que a deixou com «setenta por cento de incapacidade num braço». Esta situação obrigou-a a abandonar as funções de costureira numa fábrica de confecção, a única profissão que tinha exercido até essa data. Ou seja, encontrava-se em situação de desemprego. Mas o que verdadeiramente procurava? O que a tinha trazido até à nossa porta?

«Vim porque já não aguentava mais estar em casa. Procurava algo que mudasse pelo menos um momento da angústia de não poder trabalhar, de não poder pegar nos meus filhos, de não poder ser a mulher, a mãe, a filha, a irmã que fui até a desgraça bater-me à porta...».

«Não sei como, dei por mim a falar da minha doença, da minha angústia, da minha infelicidade, dos meus filhos, da minha mãe e do meu marido. Fez-me bem. Só o falar e achar que estava a ser ouvida despertou algo de diferente em mim».

Mariana, Janeiro 2006

Mariana foi atendida por um mediador de aprendizagem com formação académica de base na área de educação social, o que, na nossa perspectiva, faz toda a diferença., pois está especialmente preparado para a prática de uma escuta atenta, interessada e comprometida. Neste caso, e depois de um processo de escuta pessoal muito cuidado, Mariana foi desafiada e entrar numa aventura de formação na área das TIC com outras pessoas, ao mesmo tempo que era desenhado um plano individual de acompanhamento com a educadora social.

Mariana nunca tinha trabalhado num computador, ficou inserida num grupo de formação de nível I. Acabou por frequentar outros dois cursos de formação numa linha de aprofundamento, cada curso correspondendo a vinte ho-

ras, tendo, portanto, sido completadas sessenta horas de formação. Nestas três acções de formação, Mariana foi eleita pelos colegas «delegada de grupo», facto que muito ajudou na consolidação da sua auto-estima e no reforço de motivação para aprender mais. Para além dos cursos, Mariana passou a frequentar o centro TIC da sua comunidade, socializando-se com ai com pessoas de todas as idades enquanto aprendia a navegar noutros mundos de conhecimento. Não basta assegurar de condições de acesso à formação TIC a todas as pessoas, é necessário também promover a partilha de informação e de criação de conhecimento em espaços físicos e digitais amplamente participados. A mediação tecnológica tem uma importância decisiva na sociedade de hoje mas só faz sentido quando está ao serviço da mediação humana. Vemos assim a mediação tecnológica como um processo de criação de ambientes de partilha de informação e de produção de conhecimento que passa, também, por espaços de convívio e aprendizagem de natureza virtual.

Como prova da maior confiança em si e na sua vida, Mariana passou a integrar a rede de voluntários da comunidade TCA, envolvendo-se activamente no apoio a diversas iniciativas. Passou também ela própria a desenvolver uma prática de mediação TCA, ainda que em regime de voluntariado, aconselhando outras pessoas a persistir, a procurar outros caminhos. Nesta qualidade, assumiu a responsabilidade de falar a os pais e encarregados de educação dos alunos da Escola E.B. 2,3 de S. Romão do Coronado (2006) no âmbito de uma tertúlia intitulada, precisamente, «Desafios de Vida».

Esta experiência da tertúlia foi uma experiência única porque pude partilhar a minha história e as pessoas que ouviam também falaram da experiência delas e discutiu-se. Devia-se fazer isto mais vezes e falar de outros problemas que os pais passam. Nunca pensei que se pudesse fazer uma coisa daquelas numa escola. Fiquei muito contente por ter sido recebida e ouvida por outros pais e pelos professores também que afinal também passam pelo mesmo que eu.

Mariana, Dezembro 2006

A evolução muito positiva que Mariana persistia em alimentar reflecte-se na sua postura e atitude face à vida, na melhoria da relação com os mais próximos, sobretudo os familiares e no aumento da sua qualificação profissional, através das aprendizagens, neste caso na área das TIC. Pode-se dizer que ao longo deste processo Mariana «competências subjectivas e relacionais, revelando uma progressiva aptidão para ser autora, actora e narradora da sua história de vida, recusando assim render-se à fatalidade de um destino (Baptista, 2007). Facto bem ilustrado na sua presença, e na sua intervenção pública, na primeira Assembleia TCA (6 de Dezembro 2006).

Embora não tenha sido o objectivo deste plano de acompanhamento pessoal desenvolver mecanismos de procura activa de emprego, o certo é que depois de se sentir motivada e segura das suas competências, logo, com aptidão para agir activamente em sociedade, acabou por procurar emprego. Em 2007 acabou por encontrar um emprego que a fez sentir ainda mais ligada à vida e a tudo o que a permite ser activa e solidária na comunidade onde vive. Ao ter conseguido um emprego, passou a viver novas circunstâncias que a preenchiam, que a faziam sentir-se mais mulher, mais mãe e mais filha. Hoje Mariana tem em casa a um computador oferecido por alguém da comunidade e ocupa o seu lugar de emprego. Acreditamos que este itinerário se encontra aberto a muitas outras possibilidades, constituindo um testemunho de aprendizagem e uma lição de esperança.

Considerações finais

Pensamos ter ficado bem evidenciado o papel do educador social enquanto «agente de proximidade humana, capaz de projectar um olhar positivo sobre aqueles que acolhe, incutindo alegria e esperança, mesmo junto dos mais tristes e desesperançados. «A chave de um problema tão vasto como o da responsabilidade social reside, afinal, num acontecimento de uma escala temporal bem pequena, na responsabilidade perante a outra pessoa que temos à nossa frente, ao nosso lado e ao alcance do nosso gesto de solidariedade. O papel dos agentes de desenvolvimento humano passa pela «responsabilidade de ajudar a encontrar os fios que nos permitam entrelaçar o contributo de diferentes actores sociais numa base de cooperação e ajuda mútua.

Neste caso, podemos referenciar duas práticas de mediação social articuladas e ambas ligadas à formação de adultos. A mediação desenvolvida pela educadora social e que levou Mariana até à formação TIC e depois a própria mediação tecnológica enquanto prática de comunicação e de relação potenciadora de ambientes sociais interactivos e de acesso a outro mundos de conhecimento.

Como refere Ander-Egg (2006), «as relações entre sociedade civil e cidadania baseiam-se num facto ou numa circunstância básica: não há sociedade civil sem cidadania e não há cidadania sem cidadãos (não no sentido jurídico do termo, mas enquanto implicação dos indivíduos com a realidade próxima em que vivem). No sentido lato da palavra, a cidadania refere-se à condição de ser sujeito com direitos e deveres, garantias e protecções por pertencer a essa comunidade». É para essa atenção às pessoas, valorizadas como cidadãos activos, sobretudo as pessoas mais sacrificadas e vulneráveis, que se dirigem as práticas de mediação de aprendizagem ao longo da vida.

Pretende-se assim igualmente evidenciar o lugar da educação social no seio da pedagogia social, a sua marca distintiva mas também as virtualidades pedagógicas inerentes à articulação que pode ser potenciada com outros domínios de acção sociopedagógica, concretamente com os que se referem à mediação tecnológica ou promoção de competências de cidadania digital.

Bibliografia

- ANDER-EGG, Ezequiel. 2003. *Metodología y práctica del desarrollo de la comunidad*. Buenos Aires: Editorial Distribuidora Lumen.
- AZEVEDO, Ana Sofia Rodrigues. 2008. *Educação Social e Mediação de Aprendizagem ao longo da vida*. FEP/ UCP (Tese de Mestrado em Pedagogia Social).
- AZEVEDO, Joaquim. 2007 (a). *Aprendizagem ao longo da vida e regulação sócio comunitária da educação*. In Cadernos de Pedagogia Social. Porto: UCP
- BAPTISTA, Isabel. 2005. *Dar Rosto ao Futuro – a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- 2007 (a). *Políticas de alteridade e cidadania solidária – as perguntas da Pedagogia Social*. In Cadernos de Pedagogia Social. Porto: UCP
- 2007 (b). *Vidas que se contam*. In A Página da Educação. Porto: Profedições.
- 2007 (c). *Capacidade ética e desejo metafísico – uma interpelação à razão pedagógica*. Porto: Profedições.
- 2008 (a). *Pedagogia Social: Uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de acção*. In Cadernos de Pedagogia Social. Porto: UCP
- 2008 (b). *Pedagogia social e educação social - exigências de uma cidadania solidária*. In A Página da Educação. Porto: Profedições.
- BAUMAN, Zygmunt. 2000. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press..
- CABANAS, José Quintana. 1988. *Pedagogia Social*. Madrid: Dikinson.
- CAPUL, Maurice; LEMAY, Michel. 2003. *Da educação à intervenção social*. Porto Editora.
- CARIDE, José António. 2005. *Las Fronteras de la Pedagogia Social – perspectivas Científica e histórica*. Barcelona: Gedisa
- CARVALHO, Adalberto; BAPTISTA, Isabel. 2004. *Educação Social: Fundamentos e estratégias*. Porto Editora.
- CASTELLS, Manuel. 2002. *A Sociedade em Rede. A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DELORS, Jacques *et. al.* 1996. *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a
- FAURE, Edgar. 1972. *Aprender a Ser*. Relatório da Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação. Lisboa: Bertrand.
- JARES, Xesús. 2007. *Pedagogia da Convivência*. Porto: Profedições.
- LEVINAS, Emmanuel. 2007. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70.
- MAGALHÃES, Paulo. 2007. *A mediação tecnológica ao serviço da mediação humana*. In Cadernos de Pedagogia Social. Porto: Universidade Católica Portuguesa.

2008. *Mediação Pedagógica e Mediação Humana*. FEP/UCP (Tese de Mestrado em Pedagogia Social).

PERES, Américo. 1999. *Educação Intercultural: utopia ou realidade?* Porto: Profedições.

PERES, Américo; LOPES, Marcelino (Coord.). 2006. *Animação, Cidadania e Participação*. Chaves: Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia.

RODRIGUES, Sofia. 2007. *Reconhecimento, mediação e aprendizagem – desafios da vida*. In *Cadernos de Pedagogia Social*. Porto. UCP

TRILLA, Jaume; PETRUS, Antoni; ROMANS, Mercè. 2003. *Profissão: Educador Social*. Brasil: Artmed.

THE COMPLEXITY OF LEARNING CITIZENSHIP IN COMMUNITY ARTS

Peter Reyskens & Joke Vandenberghe

Centre for Research on Lifelong Learning and Participation

Katholieke Universiteit Leuven | peter.reyskens@ped.kuleuven.be

Introduction

In discourses on lifelong and life wide learning, the promotion of citizenship and the need to 'learn to live positively with cultural, ethnic and linguistic diversity' (EU Memorandum on Lifelong Learning, 2000) is an important point of concern. In the words of Jacques Delors, the former president of the European Commission, this is about 'learning to live together'. Although this policy discourse constructs much contested concepts such as citizenship, tolerance and social cohesion, they all can open up interesting perspectives for exploring new practices of citizenship in an era of diversity. It highlights the need for researchers to understand in depth all kinds of spaces where people try to deal with the complexities and ambiguities of the encounter with the other.

In this article we describe a community arts project in Brussels, the Zinneke Parade. We explore existing perspectives on the learning of citizenship in order to investigate community arts as a particular space of learning to live together¹. The three perspectives are learning as achievement in the citizenship-as-status model, learning as participation in the citizenship-as-practice model and learning as construction in the model of cultural citizenship. In the analysis of these perspectives we put forward *emergent learning* as a relevant notion to deepen our understanding of how citizenship is learned through participation in community arts. The perspective of emergent learning refers to the development of new ways of dealing with societal challenges through decentralized responses between actors involved. From this perspective, democratic citizenship is not only a status, given to a person in the form of a set of legal rights, but also a

¹ This text is part of a Ph.D. research related to the Scientific Research Community 'Plurality and Diversity in Urban Context: Interdisciplinary Study of Democratic Practices and Governance'.